

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA**

**CAROLINE DE ALMEIDA SOARES
CLÉRISTON DE SÁ MARCELINO DA SILVA**

**GESTÃO UNIVERSITÁRIA E O MERCADO DE TRABALHO EMPRESARIAL
CONTEMPORÂNEO**

Anápolis

2012

**CAROLINE DE ALMEIDA SOARES
CLÉRISTON DE SÁ MARCELINO DA SILVA**

**GESTÃO UNIVERSITÁRIA E O MERCADO DE TRABALHO EMPRESARIAL
CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis como requisito parcial à aprovação no curso de Especialização em Docência Universitária sob orientação da Prof^a Ms. Jocy Mara Rezende Rolindo.

Anápolis

2012

**CAROLINE DE ALMEIDA SOARES
CLÉRISTON DE SÁ MARCELINO DA SILVA**

**GESTÃO UNIVERSITÁRIA E O MERCADO DE TRABALHO EMPRESARIAL
CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis como requisito parcial à aprovação no curso de Especialização em Docência Universitária.

Banca Examinadora

.....
Profª Ms. Joicy Mara Rezende Rolindo – PUC-GO
Orientadora

.....
Profª Esp. Aracelly Loures Rangel - FCA
Convidada

.....
Profª Ms. Arthur Vandrê - FCA
Convidado

Nota:.....

Anápolis, dede 2012.

GESTÃO UNIVERSITÁRIA E O MERCADO DE TRABALHO EMPRESARIAL CONTEMPORÂNEO

Caroline de Almeida Soares *

Clériston de Sá Marcelino da Silva **

Joicy Mara Rezendo Rolindo ***

RESUMO

As mudanças no cenário mundial e brasileiro abrangem a economia e por fim a sociedade e seu modelo de organização produtiva. O conhecimento tornou-se o principal ativo sendo determinante para fatores econômicos e sociais. Essa é a principal característica da sociedade do conhecimento. Os novos cenários trazidos pelas mudanças globais tem um efeito direto sobre o Ensino Superior, uma vez que o conhecimento e a informação são as moedas mais valorizadas no mercado global. As instituições de Ensino Superior, como líder e gestora do capital humano, têm o papel fundamental de preparar o indivíduo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, sendo primordial uma gestão universitária capaz, que amplie as possibilidades de atender os objetivos globais no que tange ao mercado. O presente estudo analisou a adequação das propostas de formação das Instituições de Ensino Superior aos novos cenários trazidos pelas mudanças globais no mercado de trabalho, através de pesquisa de abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico. A Gestão Universitária atual deve se preocupar em aliar a formação científica com a formação profissional, atenta com sua responsabilidade social de educar para o trabalho de forma que responda adequadamente as novas demandas sociais.

Palavras-chave: Instituições de Ensino Superior. Sociedade do conhecimento. Mercado de trabalho.

* Caroline de Almeida Soares. Graduada em Ciências Biológicas, pós-graduanda em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis. Assistente Tecnológica da Escola Municipal Dona Alexandrina. E-mail: carolinesoares29@hotmail.com

** Clériston de Sá Marcelino da Silva. Graduado em Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, pós-graduando em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis. Coordenador de Gestão de Clientes da Empresa Net Serviços de Comunicação S/A – Filiais Goiânia e Anápolis. E-mail: cleristons@gmail.com

*** Joicy Mara Rezende Rolindo. Professora Orientadora. E-mail: joicy.rolindo@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O conhecimento é o bem mais valioso da humanidade, ele é primordial para a sobrevivência de todos, sendo assim não deve ser vendido ou comprado, mas disponibilizado a população. O que mais é esperado pelas pessoas e pelo mercado de trabalho em relação à educação é que as instituições que se dediquem ao conhecimento acompanhem as inovações tecnológicas, sendo a educação do futuro uma educação mais democrática e participativa.

A sociedade do conhecimento trouxe consigo a possibilidade de acesso instantâneo e multimidiático a conjuntos de informações múltiplas e ilimitadas. Essas possibilidades mudaram definitivamente a organização produtiva das economias nacionais. A informação configurou-se como principal ativo das empresas, países e demais instituições tendo caráter extremamente relevante no cenário competitivo. Este novo contexto provocou transformações na atitude das empresas e nos princípios que norteiam seus planos estratégicos.

Este artigo propõe uma reflexão que leva em consideração o cenário socioeconômico contemporâneo a fim de embasar decisões na gestão universitária que conduzam à práxis educacional inovadora e progressista, propondo uma revisão nos princípios que norteiam o planejamento estratégico educacional das instituições de Ensino Superior. Tem como objetivo principal analisar através da bibliografia vigente a adequação das propostas de formação das Instituições de Ensino Superior aos novos cenários trazidos pelas mudanças globais no mercado de trabalho empresarial.

O estudo do mercado empresarial contemporâneo deve nortear a atuação da gestão universitária no ponto de vista das Instituições de Ensino Superior como líder e gestora do capital humano. A universidade deve se atentar aos novos cenários socioeconômicos, bem como se adequar à formação de indivíduos e profissionais capacitados a atuarem no mercado de trabalho atual.

Esta pesquisa foi feita com uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, desenvolvida em três capítulos. O primeiro capítulo mostra a sociedade do conhecimento e os novos cenários trazidos pelas mudanças globais, enfocando a evolução da educação aliada ao conhecimento. O segundo capítulo aborda o desenvolvimento brasileiro e o perfil do estudante universitário e o terceiro capítulo

traz o modelo de gestão acadêmica atual voltada à gestão do capital humano e liderança.

1 A EDUCAÇÃO E O CONHECIMENTO

A educação e o conhecimento são dois conceitos aliados que formam a matriz primordial do desenvolvimento intelectual humano. Atribui-se ao primeiro o horizonte da qualidade política, o humanismo, a formação da cidadania, a cultura comum, e ao segundo, a necessária competência formal para melhor realizar os fins, inovar a serviço da humanidade (DEMO,1995). A educação é um “direito de todos”. Assim já rezava a Constituição de 1934:

Art. 149 – A educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no País, de modo que possibilite eficientes fatores de vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana (BRASIL, 1934).

O Art. 205 da Constituição Brasileira de 1988 que está em vigor, afirma que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Esse direito continuou sendo prescrito nas demais normas legais, chegando à atual Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases):

Art. 2.º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1992,p.1).

Durante muito tempo da história da educação brasileira o cenário escolar esteve dominado pelo modelo tradicionalista, o qual se preocupava apenas com a transmissão dos conhecimentos. Aos alunos cabia apenas a memorização, com base em questionários e livros didáticos, e a repetição dos conteúdos nas provas realizadas, as quais tinham por objetivo central a promoção para séries posteriores. O conhecimento científico era tomado como neutro e não se punha em questão a verdade científica (BAPTISTA, 2003).

Dessa forma, os conteúdos e abordagens do professor não precisavam ter relação nenhuma com o cotidiano do aluno, sendo que este era visto como uma pessoa que nada sabia e somente recebia informações do professor, principal foco do ensino.

A educação nova desenvolveu-se nesses últimos dois séculos e trouxe consigo numerosas conquistas. O traço mais original da educação desse século é o deslocamento do enfoque do individual para o social (GADOTTI, 2000). As características individuais são determinadas por fatores externos aos indivíduos, ou seja, o ambiente constitui as características humanas e é a fonte de conhecimento primordial do indivíduo, que influencia seus hábitos e comportamentos.

O conhecimento tem presença garantida em qualquer projeção que se faça do futuro, por isso há um consenso de que o desenvolvimento de um país está condicionado à qualidade da sua educação. Nesse contexto, falar de “perspectivas da educação” é também falar, discutir, identificar o “espírito” presente no campo das idéias, dos valores e das práticas educacionais que as perpassa, marcando o passado, caracterizando o presente e abrindo possibilidades para o futuro (GADOTTI, 2000).

No que se refere ao conhecimento e futuro, sabe-se que o avanço da ciência propiciou muitas vantagens em relação às novas tecnologias, tal fato teve um grande impacto na educação. O conhecimento científico tem levado a vida do homem a um patamar de conforto, e a garantia de muitos benefícios. Sendo assim, a esperança de se ter uma educação democrática e justa está baseada no conhecimento e capital humano.

O conhecimento é o grande capital da humanidade, ele é básico para a sobrevivência de todos e, por isso, não deve ser vendido ou comprado, mas sim disponibilizado a população. O que mais se espera em relação à educação é que as instituições que se dedicam ao conhecimento acompanhem as inovações tecnológicas, sendo a educação do futuro uma educação mais democrática e menos excludente (GADOTTI, 2000).

Vivemos na era da informação na qual novas tecnologias estão transformando a sociedade e ampliando a capacidade intelectual das pessoas. Neste sentido, atualmente, a informação passa a ser ainda mais analisada, administrada e valorizada. Vivem-se os reflexos da globalização e da rapidez dos

avanços tecnológicos. Com isso, exige-se da educação uma nova relação com os fatos, informações e fenômenos e sua meta passa a ser como pensar e não o que pensar (FRAIHA, 2003).

O conhecimento tem se tornado um dos principais meios de superação da desigualdade, de agregação de valor, criação de emprego qualificado e do desenvolvimento do bem – estar. Esta nova situação tem dado resultados nos sistemas econômicos e políticos. A permanência da hegemonia dos países depende acentuadamente do conhecimento em conjunto com a educação e o desenvolvimento científico e tecnológico de sua população (TAKAHASHI, 2000).

O conhecimento vem sendo designado como um fator de produção e domínio, e se caracteriza por ser fator determinante dos desenvolvimentos econômicos e sociais, passando a ser visto como um eixo estruturante do desempenho das sociedades (SQUIRRA, 2005; GOMES, 2011).

1 SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

O termo “Sociedade do conhecimento” também pode ser abordado como “Sociedade da informação” que representa uma grande mudança na organização da sociedade e da economia. A sociedade do conhecimento é caracterizada pela criatividade e inventividade, que deve ser estimulada e incorporada ao indivíduo nas Instituições de ensino. Os indivíduos da sociedade do conhecimento devem estar preparados para acompanharem os acelerados processos de mudanças globais e prontos para se adaptarem às novas tendências (DUARTE, 2001). Coerente com esse ponto de vista, Valente (1996) afirma que:

A sociedade do conhecimento exige um homem crítico, criativo, com capacidade de pensar, de aprender a aprender, trabalhar em grupo e de conhecer o seu potencial intelectual. Esse homem deverá ter uma visão geral sobre os diferentes problemas que afligem a humanidade, como os sociais e ecológicos, além de profundo conhecimento sobre domínios específicos. Em outras palavras, um homem atento e sensível às mudanças da sociedade, com uma visão transdisciplinar e com capacidade de constante aprimoramento e depuração de idéias e ações (VALENTE, 1996, p, 5-6).

A sociedade do conhecimento não está resumida apenas ao mundo da internet, mas reflete a economia global, compondo um mundo inteligente, dinâmico e flexível em todas as suas dimensões. O conhecimento vem sendo pautado como o

ícone de produção e domínio sendo determinante para fatores econômicos e sociais, além de ser fundamental no setor de negócios e ponto primordial para ascensão do profissional ao mercado de trabalho (SQUIRRA, 2005).

Hargreaves (2004) em seu estudo afirma que a sociedade do conhecimento possui três dimensões. Em primeiro lugar, engloba uma esfera científica, técnica e educacional ampliada; em segundo, envolve formas complexas de processamento e circulação de conhecimento e informações em uma economia baseada nos serviços; em terceiro lugar, implica transformações básicas da forma como as organizações empresariais funcionam de modo a poder promover a inovação contínua em produtos e serviços, criando sistemas, equipes e culturas que maximizem a oportunidade para a aprendizagem mútua e espontânea.

A formação para a sociedade do conhecimento deve prever a geração de novas culturas capazes de modificar as atitudes dos cidadãos, transformando-os em empreendedores, conscientes de seus deveres com a cidadania, prontos para realização de ações inovadoras que efetivamente contribuam para o desenvolvimento da competitividade em suas empresas (GOMES, 2011).

Tais ações inovadoras são elementos fundamentais para formação de profissionais preparados para atender às demandas diversas e complexas da sociedade e das empresas (COLOMBO et al., 2011), as quais estão em profundas mudanças devido ao avanço da ciência e tecnologia.

As transformações que ocorreram no decorrer dos anos devem-se ao fato do avanço da ciência e da técnica, da passagem da sociedade industrial para uma sociedade do conhecimento, ao avanço das novas tecnologias da informação e da comunicação e ao aumento do número de microempresas (GOMES, 2011).

No que se refere à sociedade industrial, aquela que se tratava de insumos baratos de energia, pode-se dizer que a sociedade da informação se remete à sociedade pós-industrial, que se caracteriza pelos insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e telecomunicações (WERTHEIN, 2000).

Na área educacional a sociedade do conhecimento se desenvolve, requerendo mais competência científica e técnica, o que acaba influenciando na expansão do Ensino Superior e na educação profissional, fundamental para exercer atividades típicas da área industrial. Não há questionamentos de que no mundo

moderno, a atividade produtiva e a prestação de serviços requerem o uso mais intenso de conhecimentos e competências técnicas. As atividades que antes não necessitavam de muita qualificação, nas áreas de serviço, vendas, controle de qualidade e outras, passam a requerer maiores competências (QUARTIERO, 1999).

Quanto mais a sociedade verifica a importância da informação no seu processo de construção de competências, é vista uma valorização da produção e disseminação do conhecimento científico, centrada nas tecnologias de telecomunicações e de informática. Hoje existe a facilidade de armazenar informações e torná-las disponíveis, quase instantaneamente, em diferentes formatos e suportes, o que constitui uma valiosa forma de transformação e autonomia do homem (FERES, 2008).

A Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) permite a sociedade do conhecimento se comunicar, interagir, se interligar, criando as redes de conhecimento que catalisam a evolução da sociedade do conhecimento e que auxiliam em todos os ramos (medicina, agricultura, educação, esportes, etc.). As TICs promovem facilidade de acesso à informação o que auxilia nos negócios, estudos, empregos, dentre outros (FERES, 2008).

Com isso, a sociedade atual tem passado por muitas mudanças nas áreas de conhecimento humano devido aos impactos trazidos pelos meios de comunicação altamente sofisticados, o que causam modificações na vivência das populações mundiais e criam novas formas de organização da economia e da sociedade, caracterizando assim um novo cenário mundial trazido pelas mudanças globais.

3 NOVOS CENÁRIOS TRAZIDOS PELAS MUDANÇAS GLOBAIS

As escolas superiores foram criadas no Brasil em 1808 com a chegada da corte portuguesa, essa formação profissional ou superior era exigida devido à demanda do mercado de trabalho existente naquela época (SOUSA, 2007; SILVA JÚNIOR ; MUNIZ, 2004). Após essa criação as escolas superiores passaram por várias mudanças e transformações, sendo formados e aprimorados regulamentos e leis referentes à Educação Superior no Brasil.

A globalização tem um efeito direto sobre o Ensino Superior, uma vez que o conhecimento e a informação são as moedas mais valorizadas no mercado global,

com isso, as Instituições de Ensino Superior (IES) têm papel fundamental em formar detentores dessas moedas, sendo primordial uma gestão universitária eficaz que amplie as possibilidades de atender os objetivos globais no que tange ao mercado (SOUSA, 2007).

A acelerada disponibilização das novas tecnologias aponta para uma era de crescente globalização, o que pode gerar efeitos de impacto na economia mundial, para os mercados internos e externos. O que gera globalização é a competitividade. Com vistas a obter produtos competitivos no mercado, as empresas financiam ou promovem pesquisas, o que implica em um acelerado avanço tecnológico e traz a informatização de atividades, automação de indústrias e robotização de fábricas, criando um novo panorama mundial, novas demandas de mão-de-obra de profissionais qualificados para lidar com os novos avanços.

O novo panorama mundial trazido pela sociedade pós-industrial está se adaptando cada vez mais as tecnologias na área da educação, tais como: educação à distância, bibliotecas digitais, videoconferência, correio eletrônico, grupos de “bate-papo” e trabalhos à distância (WERTHEIN, 2000). Tais avanços acabam satisfazendo as pessoas, devido às facilidades de acesso a informação, reduzindo o tempo para realizar tarefas e seus custos.

Computadores (hardware) cada vez mais poderosos permitem o surgimento de ferramentas (softwares) cada vez mais sofisticadas, como sistemas de autorias e sistemas de hipertexto, utilizando multimídia e inteligência artificial.

Os novos cenários trazidos pelas mudanças globais sofrem transformações principalmente em relação ao comportamento dos “mercados” e a concepção das empresas, pois acarreta o surgimento de novas profissões e de novas demandas, com isso as universidades necessitam preparar jovens para profissões que ainda não existem e para tecnologias que serão geradas (GOMES, 2011).

Este novo panorama mundial acarretou transformações significativas nas atitudes empresariais e nos princípios que norteiam seus planos estratégicos. Para empresa sustentar uma vantagem competitiva, ela precisa modificar seu comportamento e inovar as práticas gerenciais com o perfil de habilidades e competências de seus quadros (GOMES, 2011).

4 O DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO E O NOVO PERFIL DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

O mundo está mudando rapidamente, e o Brasil acompanha essa tendência. As mudanças no cenário brasileiro abrangem a economia e por fim a sociedade e seu modelo de organização produtiva. Podemos concluir que um novo perfil de sociedade está surgindo. Analisaremos a partir de agora as mudanças estruturais no modelo de produção que caracterizam o desenvolvimento brasileiro bem como o perfil dos indivíduos que as IES formam para atuarem no mercado de trabalho marcado por essa nova realidade.

O cenário de desenvolvimento das nações e a ordem internacional são caracterizados nos últimos anos por rápidas transformações que abrangem a responsabilidade social, desenvolvimento sustentável e comportamento dos “mercados”. Fatores agentes dessa transformação são enumerados por Gomes (2011, p. 59): “o contínuo e cada vez mais acelerado avanço da ciência e da técnica é fator determinante para o surgimento de novas profissões e de novas demandas das empresas”

O desenvolvimento contínuo das tecnologias aplicadas aos meios de produção demanda profissionais capacitados pelas IES para atuarem com tecnologias que ainda não existem. Demandam também profissionais capacitados para desenvolverem formas de aplicar tecnologias novas a fim de melhorar performances de processos produtivos. Para tanto as empresas também tem investido em estruturas e mecanismos próprios de desenvolver e qualificar pessoas.

“A passagem da sociedade industrial para a sociedade do conhecimento fez com que os ativos da indústria passassem a ser bens intangíveis: o capital humano e a capacidade de criar produtos e processos mais eficientes” (GOMES, 2011. p. 59).

O conhecimento e a capacidade de inovar e criar novos produtos passa a ser o eixo central do desenvolvimento dos sistemas de produção. A afirmação é confirmada pelos dados de que nos anos de 1990 a inovação tecnológica foi responsável por cerca de 70% do crescimento econômico e por aproximadamente 80% dos ganhos de produtividade; e o PIB dos países da OCDE baseiam-se 50% nos setores intensivos do conhecimento.

As mudanças na forma como as nações se relacionam foram causadas, em parte, pela presença crescente de organizações não governamentais internacionais (por exemplo, o Greenpeace), de grupos internacionais de pesquisa (como o Programa Genoma) e de novas formas de solução de problemas comerciais e políticos, nas quais os “Estados-Nação” negociam em organizações específicas (como exemplo, a Organização Mundial do Comercio) (GOMES, 2011). A presença marcante dessas ONG’s trouxeram a tona discussões sobre valores como sustentabilidade, preocupação com impactos ambientais, responsabilidade social empresarial e políticas públicas de regulação das atividades produtivas.

O agravamento da má distribuição de renda entre as classes sociais pode ser verificado, no caso da América latina por alguns fatores preponderantes. A pequena participação das culturas minoritárias, pela ausência de acesso de toda a população à educação de qualidade nos sistemas de ensino-médio, técnico e fundamental, pela dificuldade na solução de problemas relacionados com a violência e com as drogas, com elevado custo financeiros na tentativa de erradicação da violência (cerca de US\$ 160 bilhões/ano, equivalente a 14% do PIB regional da AL) e, ainda pelos altos índices de exclusão digital (GOMES, 2011).

O avanço das novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC). Quando foi lançado o primeiro computador, em 1946, o então presidente da IBM, Thomas J. Watson, declarou: “Penso que existe um mercado global para cerca de cinco computadores”. Entretanto, decorridos pouco mais de 60 anos, alguns números demonstram a força das NTIC como efetivo instrumento do progresso. A Tecnologia da Informação e a comunicação se tornaram vitais no sistema produtivo atual e indispensável para se manter uma empresa competitiva (GOMES, 2011).

“A intensa participação das micros e pequenas empresas e , conseqüentemente, dos Arranjos Produtivos Locais (APL) refletiu-se na economia e no desenvolvimento dos países e das regiões” (GOMES, 2011).

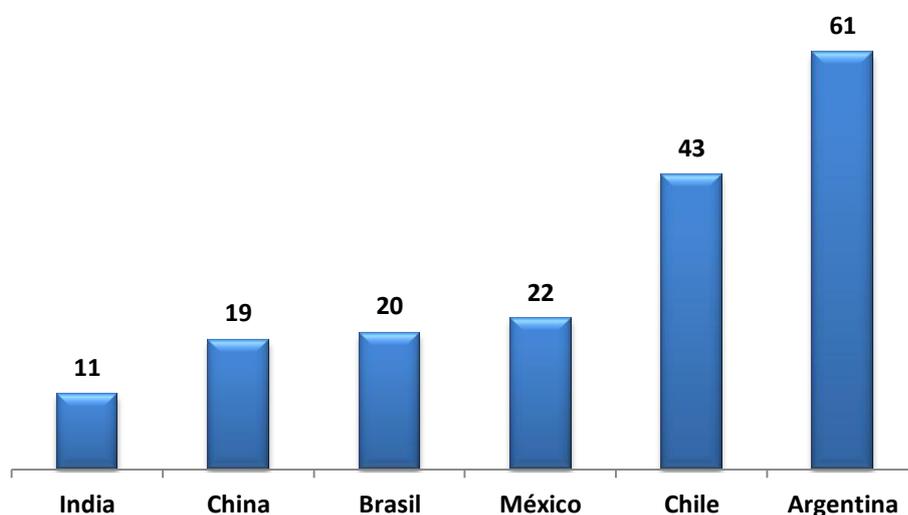
Conforme Bohlander, Snell e Sherman (2003) para a maioria das pessoas, o trabalho é um fator primário na qualidade geral de suas vidas, pois fornece condições para satisfazer praticamente toda gama de necessidades humanas e, é assim, de considerável valor para o indivíduo. A acessibilidade a educação, notadamente a possibilidade de um diploma de Ensino Superior, representa portanto

a possibilidade de melhoria da qualidade de vida e em última instância a maior possibilidade de satisfazer necessidades humanas.

Seguem abaixo alguns dados que demonstram o perfil do estudante universitário, que assim como as mudanças importantes que norteiam o mercado de trabalho devem ser observadas pelos gestores universitários para o aperfeiçoamento do processo ensino aprendizagem.

Figura 1: Taxa de matrícula em cursos de Ensino Superior (%)

Fonte: UNESCO,2009.



No Brasil, o número de alunos matriculados em universidades brasileiras cresceu 46% em seis anos, alcançando o significativo número de 6,5 milhões de estudantes. Esse cenário de crescimento não é passageiro, é uma tendência que veio para ficar, e o grande propulsor desse crescimento é o ingresso de estudantes universitários provenientes da classe C. Esses novos alunos vêm na possibilidade de graduação em Ensino Superior a oportunidade de melhoria da qualidade de vida. (STEPHAN, 2011).

Figura 2: Projeção de crescimento da classe média mundial.

Fonte: OECD, (2009).

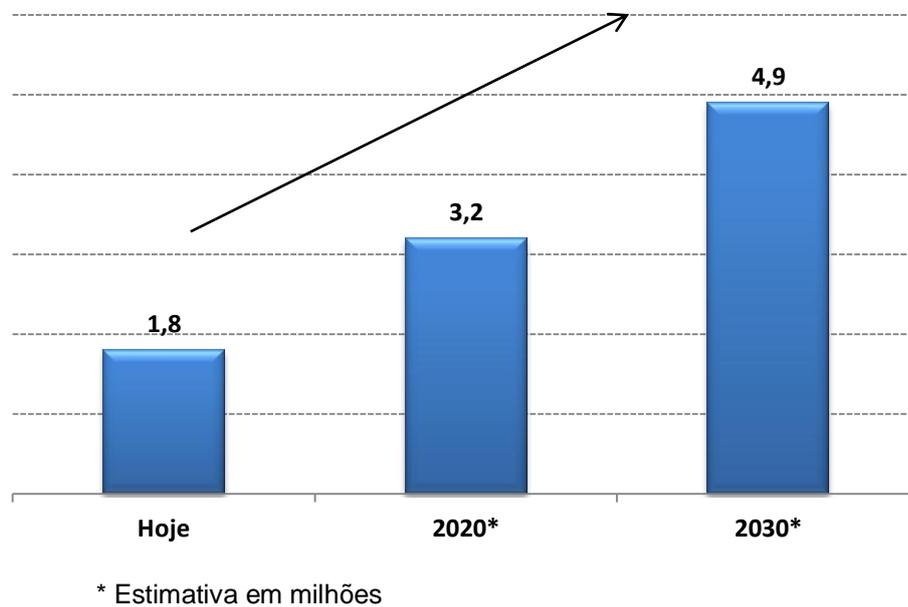


Figura 3: Projeção de consumo da classe média mundial

Fonte: OECD (2009)

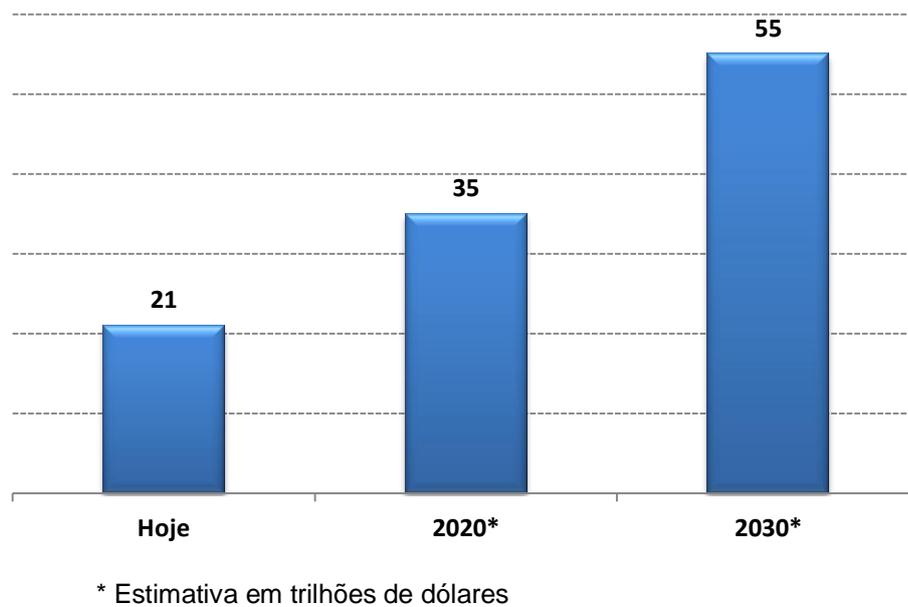
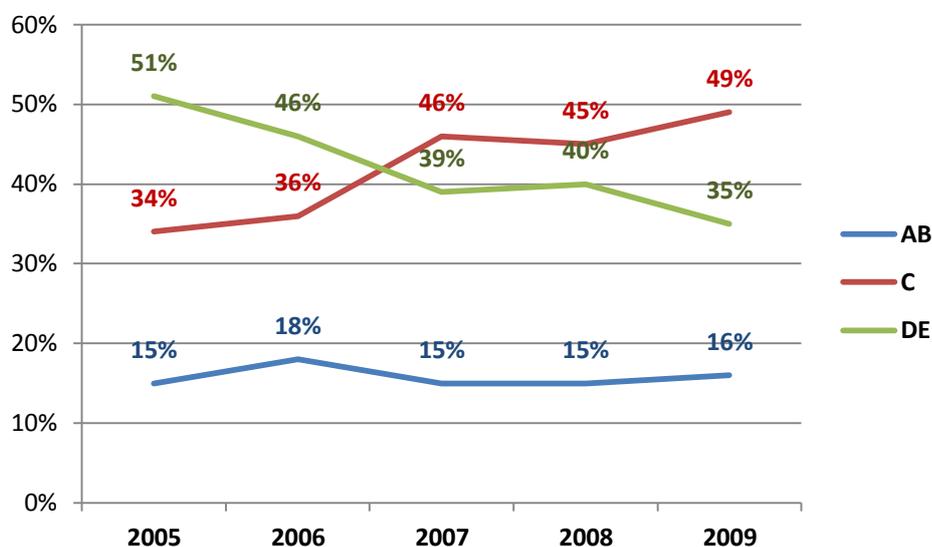


Figura 4: Participação das classes A,B,C no mercado consumidor entre 2005 e 2009.

Fonte: Folha de São Paulo (2010)



Com a forte aceleração econômica a partir de 2006, cerca de 20 milhões de brasileiros passaram a pertencer à classe C. Em 2008, pela primeira vez na história do país, a renda dos 91 milhões de brasileiros que fazem parte da classe C foi maior que a soma da renda de integrantes das classes A e B (STEPHAN, 2011, p. 366).

Esse crescimento proporcionou poder de compra à classe C, que se tornou um grande mercado potencial a ser explorado pelas empresas e também pelas IES. Conforme pesquisa realizada pela Folha de São Paulo (2010), o Brasil ganhou 30,15 milhões de novos consumidores, sendo que 1,8 milhão está concentrado na grande São Paulo (STEPHAN, 2011).

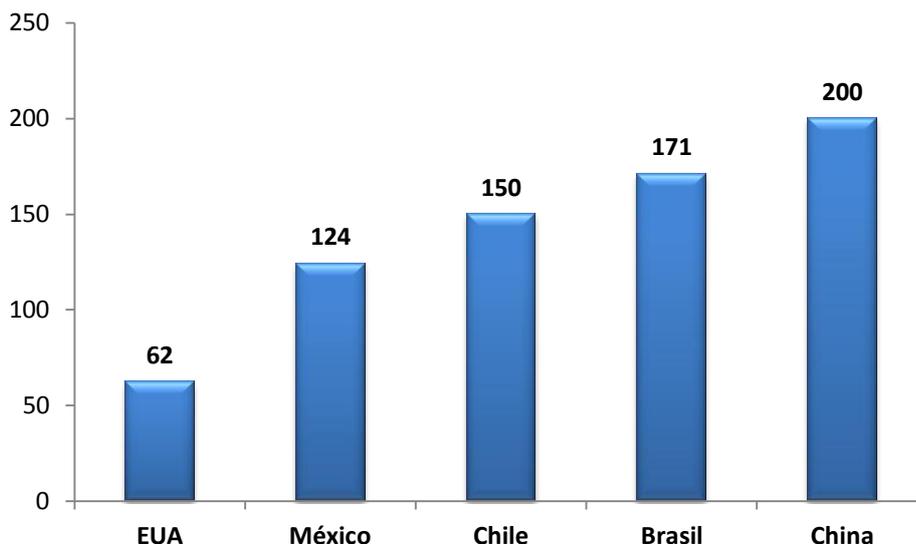
Nos últimos oito anos, a participação de alunos da classe C nas instituições de Ensino Superior passou de 16 para 23%. Isso representa um acréscimo de 2,1 milhões de novos alunos e consumidores, principalmente se levarmos em consideração que 24% da população brasileira é formada por pessoas entre 18 e 30 anos, ou seja, 40 milhões de pessoas com potencial de consumo e que também são potencialmente consumidoras do mercado da educação superior (STEPHAN, 2011).

Dois fatores podem ser considerados determinantes para o crescimento do número de matrículas de alunos oriundos da classe C. Primeiro, os programas de financiamento estudantil (Programa Universidade para todos e Fundo de Financiamento Estudantil) e segundo, a competitividade provocada pela

consolidação do mercado da educação com o crescimento do número de faculdades privadas e da oferta de cursos superiores forçando a redução do ticket médio das mensalidades, de R\$ 860 em 1996 para R\$ 467 em 2009 (STEPHAN, 2011).

Figura 5: O aumento salarial para trabalhadores com curso superior (%)

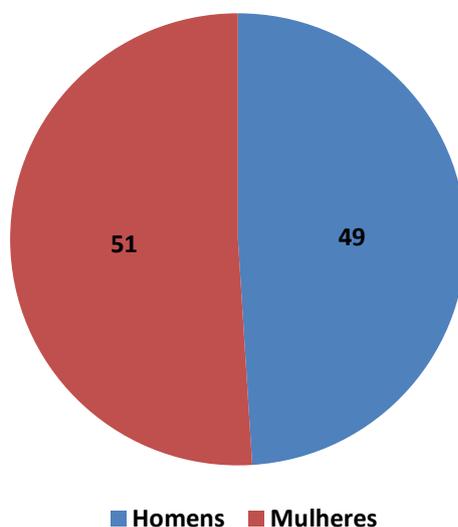
Fonte: Hoper Educacional, 2009



No Brasil, possuir um diploma de curso superior proporciona um aumento salarial de 171% na renda média do indivíduo segundo dados apresentado no gráfico acima. A necessidade de garantir um futuro melhor, de ascender no emprego e na colocação social e a busca crescente por conhecimento e por mão de obra qualificada impulsiona o crescimento da demanda por cursos de Ensino Superior, fazendo com que a classe trabalhadora invista em melhor qualificação. A educação é vista por essa classe como um caminho a se seguir para alcançar uma melhoria na qualidade de vida (STEPHAN, 2011).

Figura 6: Perfil dos novos alunos nas IES.

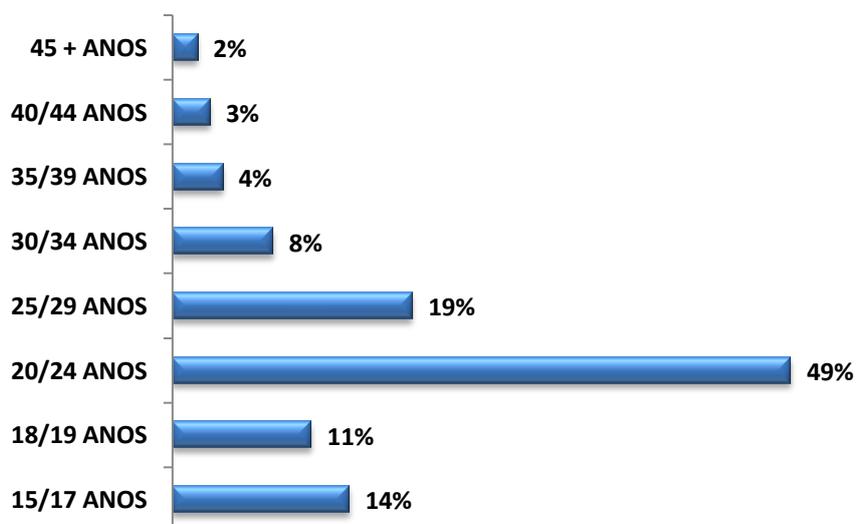
Fonte: IPSOS MARPLAN: Sisem Suite (2009)



As instituições de Ensino Superior contam com um novo perfil de aluno: 6,5 milhões de estudantes de graduação no país (31,4%) têm renda familiar entre 1 e 5 salários mínimos; 51% são mulheres, tanto em instituições públicas quanto privadas (figura 6) (STEPHAN, 2011, p. 368).

Figura 7: Faixa etária dos alunos que ingressam nas IES

Fonte: IPSOS MARPLAN - Sisem Suite, 2000/2009



A maioria dos alunos de classe C que ingressa nas IES compõe a faixa etária de 20 aos 24 anos, e geralmente são os primeiros membros da família a chegar à universidade (STEPHAN, 2011).

É importante ressaltar que, com a acessibilidade das mensalidades, as pessoas que tinham o sonho de ingressar em uma universidade, mas não conseguiram logo após a conclusão do Ensino Médio, podem, enfim, realizar esse objetivo. Aproximadamente 70% dos alunos que tinham esse sonho e que ingressaram na universidade fizeram-na quatro anos depois do Ensino Médio.

As universidades brasileiras passaram a se adaptar as novas necessidades da demanda. Os novos públicos exigem localização, flexibilidade de horário, foco nos movimentos do mercado e preços acessíveis. Sem contar a educação a distância que é um mercado em constante crescimento.

5 O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO E O MERCADO DE TRABALHO

O Ensino Superior brasileiro iniciou com a vinda da corte portuguesa, em 1808, quando foi criado o curso de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia. Em 1816, quando o País recebeu a missão francesa, foi fundada a Academia de Belas Artes que fornecia graduações em áreas como Economia, Matemática, Química, História e Desenho. Não existia a pesquisa científica e o Estado controlava as Instituições. Muitas mudanças ocorreram, até que após o processo de Industrialização a Universidade tinha uma nova função social: preparar o homem urbano (BOLZAN, 2006).

Hoje as universidades têm autonomia e são bases fundamentais para o desenvolvimento científico. A educação superior é composta pelos cursos seqüenciais por campo de saber, de graduação, pós-graduação e de extensão e tem por finalidade o desenvolvimento científico e o saber científico.

O mundo contemporâneo é altamente competitivo, sendo que as variáveis ambientais exercem pressões constantes sobre as organizações e instituições, impondo uma adaptação remota ao mercado. Com isso, as organizações e Instituições devem permanentemente avaliar o mercado para tomar decisões baseando-se em fatos, o que também se aplica as universidades.

Para se obter uma gestão acadêmica de excelência, é necessária a integração entre a busca do saber, ciência, tecnologia e todos os elementos da instituição (docentes, discentes, servidores, infra-estrutura e sociedade). A excelência da educação dar-se-á através da avaliação continuada e constante reestruturação interna para melhor adaptação as mudanças (BOLZAN, 2006).

Dentre essas mudanças pode-se destacar o surgimento das TICs (Tecnologias da informação e Comunicação), que reestruturam os mercados tradicionais em bases tecnológicas renovadas e compõem a sociedade do conhecimento, a qual combina as configurações e aplicações da informação com as tecnologias da comunicação e todas as suas possibilidades (SQUIRRA, 2005; BESSA; NERY; TERCY, 2003).

Com todos os acontecimentos desde a criação das universidades até os tempos de hoje, houve uma mudança em relação à valorização do conhecimento, defende-se que quanto maior o conhecimento, maior a probabilidade de eficácia. Daí surgiu à Teoria do Capital humano juntamente com o desenvolvimento do sistema capitalista.

A Teoria do Capital Humano afirma que uma maior escolarização contribui de forma significativa na melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, pois aumenta seu desempenho no mercado de trabalho. Cacciamali e Freitas (1992) alegam que da mesma forma que uma firma investe em capital físico esperando um retorno sobre o mesmo, o indivíduo pode investir em capital humano, ou seja, por meio de escolaridade, treinamento, condições de saúde dentre outros, como forma de elevar sua produtividade e conseqüentemente elevar também seu salário.

Em um ambiente empresarial, o segredo está em criar uma cultura de valorização do empregado como elemento gerador de eficácia e riqueza e dar oportunidade de realização de sua capacidade intelectual para que haja motivação para desenvolver bem sua função.

No Brasil, verifica-se que o recurso “conhecimento” vem aumentando aceleradamente sua importância para o desempenho empresarial e que os desafios impostos pela relativa e recente abertura econômica tornam a questão da gestão do capital humano ainda mais fundamental para as empresas brasileiras (TERRA, 2000).

No que diz respeito a capital humano e desigualdade de renda, Menezes-Filho (2001) relata em sua pesquisa os diferenciais salariais associados à educação:

Os números indicam que aqueles com ensino fundamental completo ganham em média três vezes mais que os analfabetos. Além disso, o retorno ao primeiro ano da faculdade (12 anos de estudo) também é bastante elevado, apresentando um ganho salarial de quase 150% com relação ao formado no ensino médio, o que significa um rendimento seis vezes maior que o rendimento médio dos analfabetos. Os indivíduos com Ensino Superior completo (15/16 anos de estudo) apresentam um rendimento salarial médio quase doze vezes superior ao grupo sem escolaridade e para aqueles com mestrado a diferença é 16 vezes (MENEZES-FILHO, 2001).

Não é de se estranhar portanto que a educação seja um dos principais determinantes da desigualdade de renda. Além do fato da educação estar ligada à remuneração ela também está ligada à qualidade do emprego visto que, quanto maior o investimento em capital humano, maior a qualidade de vida no trabalho. Com isso, como relacionar a educação com o mercado de trabalho? Essa preocupação tange à gestão universitária que deve adequar suas disciplinas e ementas às novas demandas do mercado de trabalho.

A universidade tem passado por problemas de massificação, pois as pessoas estão em busca de um ensino mais qualificado para atender determinadas demandas do mercado de trabalho. Com isso, não é o mercado que busca pessoas mais qualificadas, mas as pessoas que buscam se qualificar para poder disputar com vantagem as ocupações existentes (SCHWARTZMAN, 2005).

No Brasil, o número de instituições de Ensino Superior tem crescido acentuadamente e estas devem rever suas estruturas e comportamentos para melhor contribuir na formação de profissionais qualificados e se adaptarem ao mercado competitivo. Para enfrentar o aumento da competitividade que vem surgindo, as Instituições de Educação Superior devem investir em criatividade e inovação para se diferenciar de seus competidores. Como um meio de fiscalização, as universidades são verificadas e monitoradas por parte de órgãos governamentais para seguirem padrões de qualidade docente e discente.

Uma universidade necessita de um gestor hábil e competente para gerenciar suas atividades. Meyer Jr e colaboradores (2009) afirmam que “no contexto atual de grandes desafios, o sucesso das Instituições de Ensino Superior depende, em grande extensão de ações empreendedoras e inovadoras”. Isso

mostra que o perfil e habilidade de um gestor deve se adequar à nova realidade para maior eficiência e eficácia organizacional.

É necessário salientar que as disciplinas que envolvam tecnologia da informação, raciocínio lógico, criatividade e coletividade como princípios, devem ser incluídas nas ementas dos cursos das IES. Tais conteúdos auxiliam e preparam o aluno para se inserir no mercado de trabalho atual, atendendo as exigências do mesmo em relação à sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou mostrar como a Gestão Universitária se adapta ao mercado de trabalho contemporâneo. Em primeiro lugar, mostrou-se a história da educação brasileira e sua relação com o conhecimento, como o conhecimento se tornou o grande capital da humanidade, sendo um dos fatores mais importantes para ascensão ao mercado de trabalho.

Em seguida procurou-se documentar as mudanças globais que ocorreram, relatando os efeitos da globalização e da disponibilização de novas tecnologias no surgimento de novas profissões e demandas do mercado de trabalho. Observou-se que nos anos de 1990 a inovação tecnológica foi responsável por cerca de 70% do crescimento econômico e por aproximadamente 80% dos ganhos de produtividade do Brasil.

Pode se concluir que o acesso à educação e a possibilidade de um diploma de Ensino Superior, significa a possibilidade de melhoria da qualidade de vida. Notou-se que no Brasil os números de matrículas anuais nas faculdades crescem acentuadamente alcançando um número aproximado de 6,5 milhões de estudantes e que os programas de financiamento estudantil e a grande oferta de cursos superiores são fatores determinantes para o crescimento do número de matrículas.

Além disso, mostrou-se que o Ensino Superior Brasileiro evoluiu de forma que as Universidades têm autonomia para se adequar ao mundo contemporâneo e altamente competitivo, podendo tomar decisões baseando-se em fatos. As universidades precisam de gestores competentes para gerenciar suas atividades e adequar os cursos às exigências do mercado de trabalho.

Sabe-se que o mercado de trabalho contemporâneo encontra-se cada vez mais competitivo e que as universidades devem estar atentas para os estudantes que elas estão formando. O estudante deve ser estimulado a ter capacidade de realização, ética, criatividade, iniciativa, motivação, energia e dinamismo para que o mercado de trabalho tenha interesse em contratá-lo. O mercado de trabalho procura funcionários excepcionais que ajudem a empresa a alcançar seus objetivos e traçar metas mais altas.

Como sugestão para um estudo mais amplo da gestão universitária e o mercado de trabalho empresarial, seria importante realizar um levantamento de dados comparativos entre o Brasil e outros países, analisando os índices de perfil do estudante universitário, as demandas do mercado de trabalho e o investimento em capital humano.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, J.M.P.D. **A Educação Tecnológica e os Novos programas**. Porto Codex: ASA, 2003.

BESSA, V.C.; NERY, M.B.; TERCY, D.C. Sociedade do Conhecimento. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.17, p.3-16, 2003.

BOHLANDER, G; SNELL, S; SHERMAN, A. **Administração de Recursos Humanos**. São Paulo: Editora Thomson, 2003. 547 p.

BOLZAN, C.I.M. **Excelência em Gestão Universitária**: um estudo de caso em uma Instituição Federal de Ensino Superior. Tese Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. **Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 12 dez. 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1934**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm>. Acesso em: 12 dez. 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 12 dez. 2011.

CACCIAMALI, M.C; FREITAS, P.S. Do capital humano ao salário-eficiência: uma aplicação para analisar os diferenciais de salários em cinco ramos manufatureiros da Grande São Paulo. **Pesq. Plan. Econon.**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p.343-368, 1992.

COLOMBO, S.S. Liderança e gestão do capital humano nas instituições de Ensino Superior. In: COLOMBO, S.S. et al. **Desafios da Gestão Universitária Contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DEMO, P. **Educação e qualidade**. São Paulo: Ed. Papyrus, 1995.

DUARTE, N. As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. **Revista brasileira de educação**. n 018. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação. São Paulo, 2001.

FERES, G.G. Fluência e formas de acesso de uso da informação científica: uma informação na área de educação em ciências. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Nova Série. São Paulo, v. 4, n.1, 2008.

FRAIHA, V.T. **Sistemas de informação e Educação Ambiental**: aplicabilidade do modelo da experiência interativa no Jardim Zoológico da Fundação Zoo-botânica de

Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Ciência de Informação da UFMG, Belo Horizonte, 2003.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GOMES, A.F. Estado, Mercado e Educação Superior no Brasil: um modelo analítico. **Educação e Sociedade**, v. 24, n. 84, São Paulo, 2003.

GOMES, P.A. O desenvolvimento brasileiro e a necessidade de formação de recursos humanos. In: COLOMBO, S.S. et al. **Desafios da Gestão Universitária Contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

HARGREAVES, Andy. **O Ensino na Sociedade de Conhecimento: educação na era da insegurança**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004. 240 p.

MENEZES – FILHO, N.A. **A Evolução da Educação no Brasil e seu Impacto no Mercado de Trabalho**. Departamento de Economia. Universidade de São Paulo, 2011.

MEYER JR, V. MEYER, B. ROCHA, R.A. Empreendedorismo na gestão universitária: um estudo de caso. **Revista Gestão Organizacional**, v.2, n.1, 2009.

QUARTIEIRO, E.M. As tecnologias da informação e comunicação e a educação. **Revista Brasileira de Informática na Educação**. Santa Catarina, n.04, 1999.

SCHWARTZMAN, S. **A sociedade do conhecimento e a educação tecnológica**. Instituto de Estudos do trabalho e sociedade, 2005.

SQUIRRA, S. Sociedade do Conhecimento. In MARQUES DE MELO, J. M.; SATHLER, L. **Direitos à comunicação na Sociedade da Informação**. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2005.

SILVA JÚNIOR, A.; MUNIZ, R.M. **A regulamentação do Ensino Superior e os Impactos na Gestão Universitária**. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 2004. Florianópolis: Alianças Estratégicas, Integração e Gestão Universitária, 2004.

SOUSA, J.C.V. **Gestão Universitária em Instituições Particulares: os documentos institucionais como indicadores de modelo de gestão**. 2007. 208 f. Tese Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação e Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

STEPHAN, P. Amostra de estudo que define perfil do estudante universitário da classe C. In: COLOMBO, S.S. et al. **Desafios da Gestão Universitária Contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

TAKAHASHI, T. **Sociedade da informação no Brasil: Livro Verde**. Ministério da Ciência e Tecnologia. Brasília, 2000.

TERRA, J.C.C. **Gestão do conhecimento**: o grande desafio empresarial. São Paulo: Negócio Editora, 2000. 283 p.

VALENTE, Armando. **Informática na educação**: conformar ou transformar a escola. Florianópolis: CED/UFSC, 1996. (Texto apresentado no VIII ENDIPE).

WERTHEIN, J. A **sociedade da Informação e seus desafios**. Ci. Fi., Brasília, v.29, n.2, p. 71 – 77, 2000.

UNIVERSITY MANAGEMENT AND LABOR MARKET BUSINESS TODAY

ABSTRACT

Alterations in the world and include the Brazilian economy and society and finally the model of productive organization. Knowledge has become the main asset being a determinant of economic and social factors. This is the main characteristic of the knowledge society. The new scenarios brought about by global change has a direct effect on higher education, since knowledge and information are the most valued currencies in the global market. Institutions of higher education as a leader and manager of human capital, has a vital role to prepare the individual for the exercise of citizenship and his qualification for the job, being a major university management capable to extend the possibilities of meeting the overall objectives with respect to the market. The present study examined the adequacy of the proposed formation of the Higher Education Institutions to new scenarios brought by global changes in the labor market, through qualitative research, and bibliographical. The current University Management should endeavor to combine scientific training with the professional, attentive to their social responsibility to educate for work in order to respond adequately to new social demands.

Key-words: Higher Education Institutions. Knowledge society. Labor market.